

Mudança na dinâmica interna e deslocamento ao centro: um estudo de caso sobre o Partido dos Trabalhadores em Porto Alegre

Cambio en la dinámica interna y desplazamiento hacia el centro: un estudio de caso sobre el Partido de los Trabajadores en Porto Alegre

Change in internal dynamics and displacement to the center: a case study on the workers' Party in Porto Alegre

MARCOS TODT 

Doutorando e Mestre em Ciências Sociais
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Brasil,
Escola de Humanidades
Membro do Centro Brasileiro de Pesquisas em Democracia (CBPD/PUCRS)
Correio eletrônico: marcos.todt@edu.pucrs.br

RAFAEL MACHADO MADEIRA 

Doutor em Ciência Política
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Brasil
Escola de Humanidades Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Membro do Centro Brasileiro de Pesquisas em Democracia (CBPD/PUC-RS)
Correio eletrônico: rafael.madeira@pucrs.br

Cómo citar este artículo en APA:
Todt, M. y Machado Madeira, R. (2020). Mudança na dinâmica interna e deslocamento ao centro: um estudo de caso sobre o Partido dos Trabalhadores em Porto Alegre. *Analecta Política*, 10(18), 59-87.

Fecha de recepción:
17.09.2019

Fecha de aceptación:
03.02.2020

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

O presente trabalho parte da hipótese de que as modificações na vida interna do Partido dos Trabalhadores (PT), que ocasionaram expressiva diminuição dos espaços de debate e militância política, têm relação com o deslocamento do partido em direção ao centro no espectro político brasileiro. Para testar essa hipótese, construímos três perfis de filiados (Militantes, Filiados com Práxis e Filiados Puros); sistematizamos previamente as posturas consideradas de esquerda no debate do partido; aplicamos cento e nove questionários e realizamos entrevistas semiestruturadas com vinte e um filiados ao PT em Porto Alegre. Conferimos que, de fato, os filiados menos ativos na vida do partido são também menos críticos às decisões dos dirigentes e tendem a se identificar menos com as posições da esquerda petista.

Palavras-chave: Partido dos Trabalhadores, esquerda brasileira, ideologia, democracia.

Resumen

El presente trabajo parte de la hipótesis de que los cambios en la vida interna del Partido de los Trabajadores (PT), que causaron una reducción significativa en los espacios de debate y militancia política, están relacionados con el movimiento del partido hacia el centro en el espectro político brasileño. Para evaluar esta hipótesis, hemos construido tres perfiles de afiliados: Militantes, Afiliados con Praxis y Afiliados Puros; se sistematizaron previamente los posicionamientos considerados de izquierda en el debate del partido. Luego, se aplicaron 109 cuestionarios y se llevaron a cabo 21 entrevistas semiestructuradas con afiliados al PT en Porto Alegre. Se logró verificar que, de hecho, los miembros menos activos en la vida del partido también son los menos críticos de las decisiones de los líderes y tienden a identificarse menos con las posiciones de la izquierda petista.

Palabras clave: Partido de los Trabajadores, izquierda brasileña, ideología, democracia.

Abstract

This study starts from the hypothesis that the modifications in the internal life of the Workers' Party (PT) are related to its displacement towards centrism in the Brazilian political spectrum. These changes seem to have caused a significant reduction of debate spaces and political militancy. In order to test this hypothesis, three profiles of affiliates were built: Militants, Affiliates with Praxis and Pure Affiliates. As a first step, positions that were considered as left-winged in the party debate were systematized. Then, 109 questionnaires were applied and 21 semi-structured interviews with affiliates to the PT in Porto Alegre were conducted. It can be concluded that, indeed, the affiliates who are less active in the party-political life are also less critical of the decisions of their leaders and tend to identify less with the left-wing positions of their party.

Keywords: Workers' Party, Brazilian left-wing, ideology, democracy.

1 Introdução

A fundação do Partido dos Trabalhadores (PT), em 10 de fevereiro de 1980, trouxe uma nova forma de organização partidária, desconhecida em nosso país até então¹. Essa novidade foi fruto do processo vivido no Brasil durante a década de 1970 – retomada da participação popular, conjuntura de declínio e crise do regime militar e seu sistema político bipartidário – e constituiu-se, principalmente, da criação de mecanismos para garantir a participação das bases nas decisões.

Inicialmente, o slogan do PT era “O partido sem patrões”. Sem dúvida a característica que Fernandes (2006) denomina “democracia petista” e Pont (2002) chama de “poder das bases”, foi fundamental à formação da identidade inicial do PT. Keck (2010) chega a chamar o PT de anomalia, no sentido de ser diferente dos demais partidos criados nos anos 1980, o único criado a partir das bases (Madeira e Tarouco, 2012).

O processo efetivamente envolvia a militância, que tinha garantida sua participação na construção das decisões dos rumos da organização. Havia debates públicos para a construção de pré-teses; depois, as teses eram publicadas, distribuídas e efetivamente debatidas em inúmeras reuniões nas instâncias de base. Apenas após esse rico processo de discussão programática é que as instâncias de base elegiam proporcionalmente os delegados para os encontros superiores (municipais, estaduais, nacional) que, por sua vez, elegiam as direções partidárias.

No entanto, com o crescimento e a ocupação de espaços de poder, houve modificações no perfil do partido e adequação de seu posicionamento. Conforme Secco (2011), o PT se tornou um partido de governo e sobrepôs à sua identidade inicial, socialista e nacionalista, uma tendência tecnocrata contaminada pelos vícios da política tradicional brasileira. Para A. Singer (2010), a partir de 2002, com a divulgação da Carta ao Povo Brasileiro (L. I. L. Silva, 2002), a defesa da ordem veio para ficar e o partido toma como suas as “conquistas” do período neoliberal: a estabilidade, o controle das contas públicas e da inflação. Fausto (2017) afirma que o PT adotou práticas que condenava e passou a atuar como todos os outros partidos, liquidando seu próprio programa.

Muitos autores analisaram esse movimento de adaptação do discurso petista, tentando apontar suas causas. Para Guimarães (2007), a partir da década de

1 Agradecemos aos pareceristas de *Analecta Política* que avaliaram o artigo e fizeram excelentes sugestões.

1990 houve estratégia de adaptação à ordem da competição eleitoral². A isso, o autor dá o nome de integração competitiva, baseada em três pontos-chave: a profissionalização das campanhas eleitorais, em contraposição à cultura militante de até então; a segmentação em mandatos individuais, com a administração de carreiras (assessorias de bancadas, estruturas partidárias, mandatos parlamentares com alto grau de autonomização frente ao partido); o pragmatismo sem limites nas alianças, em detrimento da identidade socialista do PT, para aumentar a competitividade eleitoral.

Para Samuels (2008), a experimentação do poder foi causa do afrouxamento ideológico e posterior acomodação à estratégia do “toma lá dá cá”; A. O. Silva (2009), com base no modelo analítico de Panebianco (2005), afirma que atualmente os incentivos seletivos constituem a motivação principal para a maioria dos dirigentes e militantes do partido (e, portanto, não mais uma “causa”). No mesmo sentido, P. Singer (2012) aponta que a profissionalização da direção partidária fez com que o partido se rendesse à agenda eleitoral. A elite dirigente do partido passa a depender “profissionalmente” de vitórias eleitorais e, desse modo, perde sua autonomia, de modo semelhante a um operário que precisa pensar em seu emprego.

Consideram-se valiosas e corretas todas essas contribuições que auxiliam no entendimento da trajetória do PT. Assim como pertinente refletir que a estrutura partidária que possibilitava intensa práxis coletiva servia de base para o pensamento progressista do PT dos primeiros anos. Além disso, o funcionamento baseado nos núcleos e o “poder das bases” desconstituíam relações de dominação como dirigentes/dirigidos, constituindo-se, portanto, em empecilho à liberdade dos líderes partidários (Todt, 2018).

No entanto, segundo Ribeiro (2010), o Campo Majoritário³ aprovou no ano de 2001 alterações no Estatuto do Partido que representaram o desmantelamento dos núcleos, retirando dos mesmos qualquer tipo de representação junto a Encontros, Diretórios ou Executivas. Em contrapartida, ocorreu forte

2 Tal processo teve nas eleições para a presidência da República um palco importante. Para uma análise sobre o papel estruturante da polarização PT *versus* PSDB nas eleições presidenciais, ver Borges (2015). Para análise das alterações em ênfases programáticas de ambos partidos ao longo do período, ver Madeira, Tarouco e Vieira (2017).

3 Campo formado pelas correntes moderadas, iniciada pela aliança da Articulação com a Democracia Radical (Ribeiro, 2010).

flexibilização das filiações, transformando em reminiscência os requisitos rigorosos de filiação e oficializando a abertura do partido a um novo perfil de filiado, menos ativo e comprometido e mais despolitizado (Ribeiro, 2010). Além disso, foi implementado o Processo de Eleições Diretas (PED), no qual qualquer filiado vota para eleger as direções partidárias, participando ou não dos debates e instâncias partidárias.

Essas alterações na vida interna do PT ocasionaram expressiva diminuição dos espaços de debate e militância política, e, conseqüentemente, a transformação de um partido de “militantes” em um partido de “filiados”. Esse processo vem ao encontro da afirmação de Panebianco (2005) de que há um esforço contínuo dos líderes para evitar os limites a sua própria liberdade de manobra, e da clássica análise de Michels (1982), que, ao estudar o fenômeno da oligarquização partidária, aponta que os militantes escolhidos como delegados e representantes passam a formar uma minoria dirigente permanente, impedindo a renovação das direções, centralizando as questões administrativas e iniciando a prática de evitar iniciativas dos demais membros do partido.

Neste artigo, indaga-se a hipótese de que as mudanças na dinâmica interna do PT (ocorridas, em especial, com a alteração estatutária realizada em 2001), que ocasionaram expressiva diminuição dos espaços de debate e militância política e transformaram o PT em um partido de filiados (e não mais de militantes), contribuíram para o deslocamento do partido em direção ao centro do espectro político.

O artigo está organizado em quatro partes. Inicialmente, apresenta-se a metodologia empregada na pesquisa. Na seção seguinte, apresentam-se as categorias Militante, Filiado com Práxis e Filiado puro. A seguir, sistematizam-se as principais diferenças entre o campo moderado e o campo mais à esquerda, dentro do PT, durante os anos dos governos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011). Posteriormente, procede-se com a análise da pesquisa realizada, que foi constituída de duas fases: aplicação de questionário e entrevista semiestruturada com filiados ao PT da cidade de Porto Alegre. Desse modo, o artigo pretende contribuir com o estudo sobre o Partido dos Trabalhadores a partir da análise das alterações ocorridas em seu funcionamento interno e nas modificações no perfil de seus filiados, analisando tal processo a partir de estudo de caso do PT de Porto Alegre.

Analisa-se entrevistas e questionários de pessoas que estavam de algum modo envolvidas com o partido no momento crucial dessas transformações. Este é um

dado relevante, tendo em consideração que visa-se analisar o quanto as alterações na dinâmica interna ocorrida a partir das modificações no Estatuto do partido e a conseqüente alteração no perfil de filiados ajuda a explicar as mudanças nas linhas de discurso e atuação do PT ao longo da década de 2000, englobando a transição do final do segundo governo Fernando Henrique para os governos Luiz Inácio Lula da Silva⁴.

A escolha de Porto Alegre para o estudo de caso ganha relevância ao lembrar que a cidade foi administrada pelo PT ao longo de 16 anos (quatro mandatos consecutivos entre 1989 e 2005). Até então, nenhum partido havia conseguido se reeleger sequer uma vez na capital do Rio Grande do Sul (Dias, 2007). As primeiras edições do Fórum Social Mundial, principal iniciativa anticapitalista do século XXI, ocorreram em Porto Alegre, muito devido às experiências de democracia direta (Orçamento Participativo) postas em prática pelas gestões petistas⁵, e porque o petismo em Porto Alegre ainda expressava uma relação de continuidade com o espírito de fundação do PT (Singer, 2010).

2 Metodologia

O trabalho de campo foi realizado entre os anos 2011 e 2012 e constituiu-se, primeiramente, da aplicação de cento e nove questionários.

Começamos a aplicação dos questionários em atividades do partido. Mas como também se tinha interesse na resposta de filiados sem participação na vida partidária, usou-se de três métodos para chegar até essas pessoas: através do “filiaweb”, sistema público de consulta do Tribunal Superior Eleitoral, obteve-se acesso aos nomes dos filiados ao PT de Porto Alegre e, depois, o questionário foi enviado a todos os que foram localizados no Facebook; conseguiu-se com o PT de Porto Alegre contato telefônico de pessoas que não haviam participado dos últimos “Processo de Eleições Direta” (PED); e fez-se uso da técnica ‘bola de

4 Desde a realização da pesquisa, o Brasil passou por episódios marcantes, como o impedimento de Dilma Rousseff em 2016, a condenação judicial de importantes figuras do partido como José Dirceu, José Genuíno e Antonio Palocci e a prisão de Lula, que culminaram na eleição de Jair Bolsonaro, em 2018. Almeida (2019) realizou uma boa síntese e análise deste processo.

5 A experiência do Orçamento Participativo foi considerada uma forma de globalização contra-hegemônica e colocou Porto Alegre no mapa da esquerda internacional (ver De Souza Santos, 1998).

neve (snow ball sampling), pedindo indicações àqueles com quem entrava-se em contato nas atividades partidárias.

Em um segundo momento, dentre as pessoas que responderam ao questionário, foram selecionadas sete que coincidiam com o perfil de cada uma das três categorias criadas para este trabalho (as quais serão apresentadas na seção seguinte). Por fim, realizaram-se 21 entrevistas em profundidade com roteiro semiestruturado.

No começo de cada entrevista a cada entrevistado foi-lhe solicitado falar livremente sobre sua relação com o partido. Evidentemente não houve reação padrão por parte dos entrevistados: alguns falaram pouco, outros falaram abundantemente, refletindo talvez, além de suas características pessoais, seu grau de envolvimento com o partido. Porém, todos contaram um pouco sobre o que os motivou e a forma como se deu sua aproximação com o PT. Isso possibilitou entabular a conversa e chegar aos pontos-chave da pesquisa.

3 Categorias: militantes, filiados com práxis e filiados puros

Partindo da definição de que militante é “o filiado que tem algum nível de participação ativa na vida partidária” (César, 2002, p. 57), foram incluídas algumas características para elaborar o perfil ideal de militante presente neste trabalho. O militante se mantém informado sobre o que acontece no partido através do próprio partido, através da participação em instâncias partidárias como núcleos, zonais, plenárias ou de reuniões de tendências internas ao partido, e da leitura de documentos partidários ou materiais divulgados por órgãos do partido. O militante participa, também, de atividades como passeatas e panfletagens.

Já o filiado não participa de instâncias partidárias, e mantém-se informado sobre o partido através da imprensa. O filiado, portanto, está em contraposição ao militante no que tange à (não)participação na vida interna do partido.

No entanto, no decorrer da pesquisa percebeu-se que há diferenças significativas entre os filiados que precisam ser levadas em conta para não distorcer a análise. Há filiados que nunca tiveram relação com o partido para além do aspecto formal, e os que, em outros momentos de sua vida, tiveram importante vivência partidária.

Inclusive, alguns destes deixaram de participar das instâncias pelas mudanças internas ocorridas no PT, conforme narrado em algumas entrevistas. Identificou-se, também, que há filiados com larga atuação em movimentos sociais, em que pese seu distanciamento das instâncias do partido.

Assim, vislumbrou-se a necessidade de estabelecer mais de um perfil de filiado, de modo a apreender essas especificidades que foram percebidas durante o trabalho de campo. Propõem-se, então, as categorias Filiado Puro, que é o filiado que nunca teve atuação na vida interna do partido nem em movimentos sociais, e Filiado com Práxis, que, embora afastado do partido, tem em sua trajetória participação na vida partidária e/ou atuação em movimentos sociais.

4 Principais diferenças internas

Nesta seção, procura-se sintetizar as principais diferenças entre a esquerda petista e o campo majoritário do partido (moderados). Tal diferenciação tem alcance nacional e pode ser identificada não apenas na configuração do PT em Porto Alegre.

4.1 Socialismo

O primeiro ponto de inflexão é sobre a concepção socialista. Desde os primeiros anos do PT, houve diferenças sobre o conceito de socialismo entre o grupo de Lula, denominado Articulação⁶, e os grupos organizados, assim chamados os grupos marxistas em grande parte existentes desde antes da fundação do PT, em sua maioria trotskistas. A Articulação criticava os grupos organizados por manter uma organização paralela e querer impor visão única e ortodoxa de socialismo. No entanto, nos primeiros anos a articulação fazia essa diferenciação sem negar o socialismo ou o marxismo, como bem ilustra o trecho a seguir da fala de Lula na 1ª Convenção Nacional do PT, em 1981:

Sabemos que não nos convém, nem está em nosso horizonte, adotar a ideia do socialismo para buscar medidas paliativas aos males sociais causados pelo capi-

6 O grupo foi formado a partir do Manifesto dos 113, elaborado pouco antes do Encontro Estadual de São Paulo, em agosto de 1983 e, por isso, inicialmente o grupo se chamou Articulação dos 113.

talismo ou para gerenciar a crise em que este sistema econômico se encontra. Sabemos, também, que não nos convém adotar como perspectiva um socialismo burocrático, que atende mais às novas castas de tecnocratas e de privilegiados que aos trabalhadores e ao povo (L. I. L. Silva, 1981).

Dessa forma, nos primeiros anos a unidade foi possível em torno da defesa do socialismo democrático. No entanto, no decorrer da década de 1990, a disputa, para a Articulação, passou a ser, conforme Coelho (2005), não mais “capitalismo ou socialismo”, mas “qual capitalismo”. Luiz Gushiken, importante dirigente da Articulação, em seminário nacional da corrente, em 1994, defendia que era preciso repensar o programa partidário para evitar que a crítica ao capitalismo desaguasse em dualidades maniqueístas como capitalismo versus socialismo, pois “essas dicotomias obscurecem a compreensão e solução dos problemas. A questão verdadeira é saber onde os limites devem ser traçados em cada caso concreto” (Gushiken, 1995 citado em Coelho, 2005, p. 233).

Assim, considerou-se como posição identificada com a esquerda partidária a defesa do socialismo que unificava o PT dos primeiros tempos, em contraposição ao socialismo como sinônimo de cidadania, que não almeja a superação de um sistema de produção, mas um capitalismo com face mais humana, identificado, portanto, com o conceito defendido pela social-democracia.

4.2 Política de alianças

O debate sobre a política de alianças sempre foi um elemento presente no debate partidário.

A partir do estudo dos Encontros Nacionais, Lacerda (2002) demonstra que a esquerda partidária invariavelmente defendeu políticas de alianças mais programáticas e, portanto, mais restritas do que a política da Articulação e demais grupos moderados. Em ambos os mandatos de Lula, a política de alianças foi ampla, com a participação no governo de partidos como, por exemplo, o PMDB (centro), o PTB (centro-direita) e o PP (direita).

As diferenças são relacionadas também com o peso que se dá à institucionalidade. Embora a esquerda partidária não fosse contrária à ocupação de espaços na institucionalidade e a ala moderada não fosse contrária à luta social, a diferença é que, para a esquerda petista, a luta social deveria sempre preceder aos avanços

institucionais (a ampliação dos espaços do partido na institucionalidade não teria sentido sem crescimento da mobilização e organização popular), enquanto que para os moderados seria pertinente avançar na institucionalidade mesmo sem concomitante avanço popular.

4.3 Política econômica

Os moderados, através do Campo Majoritário, haviam formulado e sustentado internamente, antes da eleição, a Carta aos Brasileiros⁷ (L. I. L. Silva, 2002), em que Lula se comprometia em manter o superávit primário e o equilíbrio fiscal. Com Lula eleito, o Campo Majoritário defendeu incondicionalmente as ações do governo, enquanto as correntes de esquerda reagiram ao que consideravam uma política econômica de continuidade com relação aos ajustes pró-mercado dos governos de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), com a manutenção de uma política econômica ortodoxa, com elevados superávites primários e taxas de juros e com a ampliação da autonomia do Banco Central (Amaral, 2010).

O Processo de Eleições Diretas (PED) ocorrido em 2009 ilustra a divergência interna em relação à política econômica adotada, em especial, a partir do segundo governo Lula (2007-2011): duas chapas criticaram fortemente, quatro chapas manifestaram “apoio crítico” e duas chapas apoiaram incondicionalmente a política econômica do governo Lula (Amaral, 2010).

4.4 Sistematização das posições à esquerda

Com base no que foi descrito e refletido nos subcapítulos 4.1, 4.2 e 4.3, sistematizou-se da seguinte forma os posicionamentos à esquerda no debate interno do PT nos anos 2000: Crítica à política econômica dos governos Lula (por exemplo: contrariedade às metas de superávit primário, às taxas de juros, à autonomia do Banco Central e a nomes conservadores na área econômica); posicionamento em favor da política de alianças programática, com menor amplitude; crítica à ampla política de alianças aplicada pelo PT durante os governos Lula; concepção mais próxima ao socialismo do que ao ideário social-democrata.

7 Chamada pejorativamente pela esquerda do PT de “Carta aos Banqueiros”.

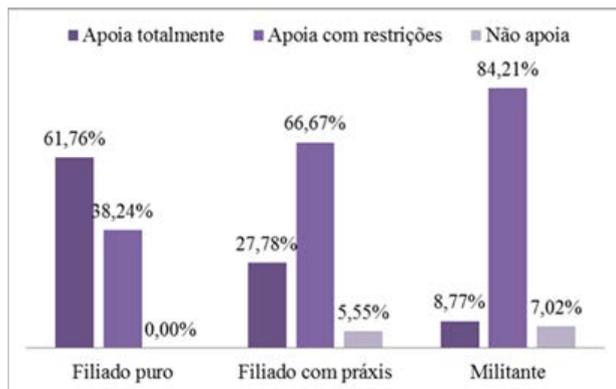
5 Resultados da pesquisa

5.1 Questionários

Das pessoas que responderam ao questionário, 34 foram classificadas como Filiados Puros, 18 como Filiados com Práxis e 57 como Militantes.

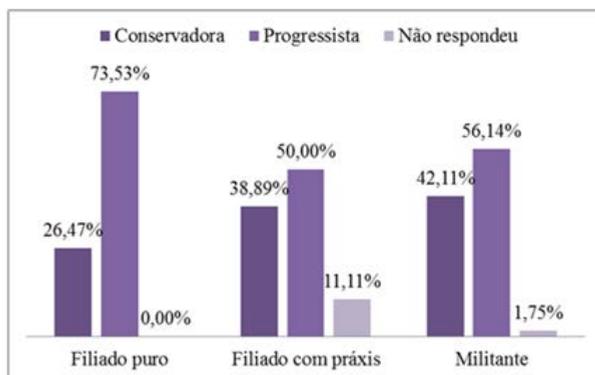
No cruzamento dos dados, verificou-se que os Filiados com Práxis e os Militantes possuem visão mais crítica em relação à política econômica dos governos Lula: 61,76% dos Filiados Puros apoiam totalmente, enquanto a maioria dos Filiados com Práxis e dos Militantes (72,25% e 91,23%, respectivamente) apoia com restrições ou não apoia (Gráfico 1). De modo coerente, 73,5% dos Filiados Puros consideram progressista a política econômica adotada nos governos Lula, índice que cai para 50,0% entre os filiados com práxis. Entre os militantes, o percentual dos que consideram a política econômica conservadora foi o maior entre os três grupos: 42,11% (Gráfico 2).

Gráfico 1 Relação entre perfil e posição sobre a política econômica dos governos Lula



Fonte: elaborado pelos autores com base nos resultados da pesquisa.

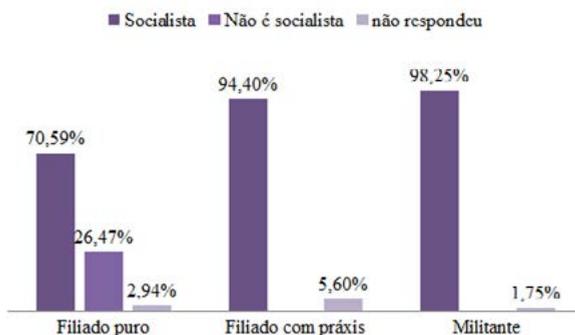
Gráfico 2 Relação entre o perfil e a opinião sobre a política econômica dos governos Lula



Fonte: elaborado pelos autores com base nos resultados da pesquisa.

Quase todos os filiados com praxis (94,40%) e os militantes (98,25%) se dizem socialistas. Mas 26,47% dos filiados puros não se consideram socialistas (Gráfico 3). Chama a atenção o fato de que apenas 26,47% dos Filiados Puros entrevistados se consideram de esquerda, percentual que sobe para 70,17% entre os Militantes e 72,22% entre os Filiados com Praxis⁸ (Gráfico 4).

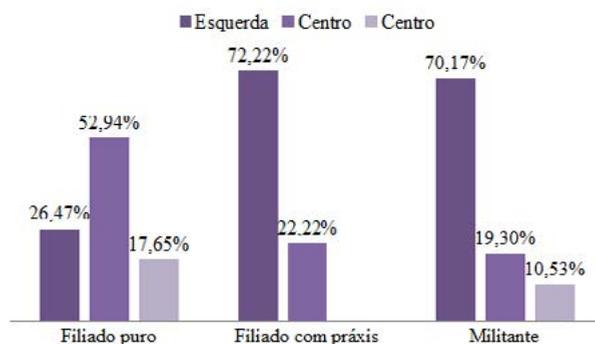
Gráfico 3 Relação entre perfil e posição sobre socialismo



Fonte: elaborado pelos autores com base nos resultados da pesquisa.

8 No questionário, pedimos para os entrevistados declararem como se vêem em uma escala em que 0 é extrema- esquerda e 10, extrema-direita. As posições na escala foram assim agrupadas: Esquerda= até 3; Centro= de 3,1 a 7; Direita= > 7.

Gráfico 4 Perfil e espectro ideológico



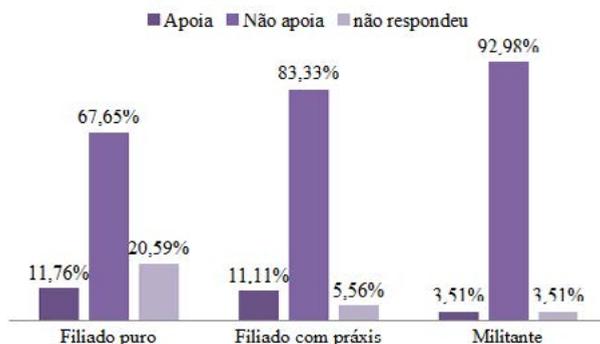
Fonte: elaborado pelos autores com base nos resultados da pesquisa

Para verificar posição sobre política de alianças, no questionário perguntou-se sobre um caso que teve imensa repercussão no mundo político e dividiu o PT gaúcho. No ano de 2009, o então prefeito de Canoas pelo PT, Jairo Jorge, histórico defensor da ampliação do leque de alianças do PT e crítico da esquerda petista por considerar restritiva sua visão de fazer alianças apenas no campo da esquerda, convidou Cezar Busatto para assumir uma Secretaria no município. A polêmica se deu porque Busatto havia sido homem forte do governo estadual de Antônio Britto (PMDB, 1995-1998) e ferrenho opositor dos governos petistas.

Busatto aceitou o convite e logo a seguir renunciou declarando que sua atuação foi inviabilizada pela reiteração da velha lógica do conflito e do ressentimento. Antes da renúncia, a Executiva Estadual do PT lançou nota oficial manifestando contrariedade porque a trajetória de Busatto “foi notoriamente privatista e neoliberal, não tendo, portanto, sintonia com o projeto do Partido dos Trabalhadores” (Partido dos Trabalhadores, 2009).

Em todos os três perfis, a maior parte dos entrevistados manifestou-se contra o convite de Jorge a Busatto. No entanto, o percentual de Militantes contrários se destaca (92,98%), conforme o Gráfico abaixo.

Gráfico 5 Relação entre perfil e opinião sobre caso Busatto



Fonte: elaborado pelos autores com base nos resultados da pesquisa.

5.2 Entrevistas

5.2.1 Filiados Puros

Os Filiados Puros entrevistados identificam-se, majoritariamente, com os ideais da social-democracia, e têm uma visão muito positiva da política econômica e das políticas de alianças aplicadas nos governos Lula.

Dos Filiados Puros, nenhum se identifica ou pode ser identificado como um socialista revolucionário: dois deles afirmam não serem socialistas, e os demais se identificam mais com a social-democracia. “A gente tinha esse sonho revolucionário, mas hoje é o reformismo”; “o importante é que o socialismo tenha humanismo”; “socialismo pra mim significaria talvez um posicionamento ou um sentimento acima de tudo de solidariedade, de humanidade”; “aquele socialismo, tipo puxando pro comunismo, eu não sou muito”; foram algumas das falas que apareceram. Para um dos entrevistados do grupo dos filiados puros, o socialismo “limita as pessoas” (Apêndice A).

Sobre a política econômica aplicada durante os governos Lula, o fator preponderante são as considerações positivas que levam em conta o pagamento da dívida externa, o crescimento do país, as políticas sociais, o grande número de pessoas que saíram da pobreza, a valorização da moeda, o pagamento da dívida externa (Apêndice B).

Com relação à política de alianças consolidada por Lula, as falas foram no sentido de que as alianças são um “mal necessário”, que “sozinho não tem como governar”, ou que “o Lula não teria vencido as eleições sem as alianças”. A fala do entrevistado três ilustra bem o posicionamento dos Filiados Puros entrevistados: “A esquerda mudou no mundo, ou faz aliança ou fica isolada. A política é a regra do possível” (Apêndice C).

5.2.2 *Filiados com Práxis*

Os Filiados com Práxis se identificam com o socialismo e são críticos da política econômica e da política de alianças dos governos Lula.

Nos registros, foi registrado só um Filiado com Práxis que se identifica com o ideário social-democrata. Os outros defendem a superação do capitalismo, como as falas a seguir ilustram: “pra salvar a humanidade tem que acabar com o capitalismo”; “sem a superação do sistema capitalista não tem como ter justiça social” (Apêndice D).

Sobre a política econômica, os Filiados com Práxis, no geral, mesclam aspectos positivos com críticas que fazem referências ao conservadorismo, à falta de mudanças estruturais, aos altos ganhos dos bancos e à lógica do rentismo, à dívida interna, ao apoio ao agronegócio, à ausência de uma reforma tributária, à continuidade da concentração de renda (Apêndice E).

Em relação à política de alianças, há algumas passagens das entrevistas com os Filiados com Práxis que denotam forte crítica conceitual: “essa política de alianças é um sintoma de uma visão pragmática de política”, “houve o abandono da ruptura”, “o partido resolveu fazer um governo de gerenciamento da burguesia, gerenciamento do sistema. E com pouca perspectiva transformadora” (Apêndice F).

Ainda com relação à política de alianças, além da crítica e da visão de que ela impede mudanças estruturais, apareceram interessantes alusões a disputas internas. A entrevistada sete recorda que o posicionamento em favor de política de alianças mais restrita era prejudicado “porque a gente nunca conseguia ganhar em nível nacional, pois São Paulo era muito forte, em São Paulo não tinha uma esquerda como a gente tinha aqui”. O entrevistado 16 discorreu sobre o fato

de que, em sua visão, a derrota de Olívio na prévia contra Tarso Genro⁹ foi um símbolo negativo para a esquerda petista que contribuiu à consolidação da política de alianças e da política de centro aplicada pelo campo moderado petista, que já era majoritário em nível nacional, mas não no Rio Grande do Sul (Apêndice F).

5.2.3 Militantes

Os Militantes entrevistados são socialistas, consideram a política econômica dos governos Lula conservadora e são críticos severos à política de alianças não programática. Algumas falas foram: “sou socialista no sentido de Marx”; “é necessário rompimento com qualquer mecanismo do estado burguês”; “ser socialista é questionar essa sociedade capitalista”; “sou um cara de princípios comunistas” (Apêndice G).

A crítica dos militantes entrevistados à política econômica dos governos Lula é clara. “A única grande mudança [positiva] foi com relação aos parceiros comerciais”, começa dizendo um militante. Outros dois militantes entrevistados distinguem a política econômica adotada no primeiro e segundo governo Lula, com o entendimento de que o primeiro governo Lula teve uma política de continuidade na área econômica em relação ao governo FHC, enquanto no segundo mandato houve um avanço, mas que, mesmo assim, insuficiente. Apareceu a crítica de que não houve mudança estrutural e, inclusive, o quarto militante entrevistado afirmou, de forma clara e direta, que o governo Lula implementou uma política econômica que “nós combatíamos” (Apêndice H).

Absolutamente todos os Militantes entrevistados apresentaram uma visão bastante crítica sobre a política de alianças, demonstrando preocupação com a rendição programática do partido: “a composição feita pelo Lula não permite fazer mudanças estruturais”; “quem faz uma aliança dessas abre mão do seu programa histórico”; “não existe a possibilidade de se ter um programa de governo na lógica da esquerda aliado a setores como o PTB, como o PP”; “houve rebaixamento programático do partido”; “o PT tomou uma decisão de estar no poder a qualquer preço”; “tinha que fazer aliança com o povo” (Apêndice I).

9 Olívio Dutra, quando governador do Rio Grande do Sul (1999-2002), não disputou a reeleição porque foi derrotado nas prévias por Tarso Genro, que acabou sendo o candidato petista na eleição vencida pelo candidato do PMDB, Germano Rigotto.

5.2.4 Análise da pesquisa à luz da literatura

Ao analisar de forma holística os questionários respondidos, verificou-se que entre os Militantes e os Filiados com Práxis houve maior frequência de posições mais à esquerda em todas as questões averiguadas. Esse resultado é coerente com a autoimagem referente ao espectro ideológico dos que responderam ao questionário: o percentual dos que se definem à esquerda é muito maior entre os Militantes e Filiados com Práxis do que entre os Filiados Puros (Gráfico quatro). Esses dados complementam os dados referentes à mudança no perfil dos apoiadores do PT. No que diz respeito ao espectro ideológico, verificou-se deslocamento não só em direção ao centro, mas também à direita, conforme pode ser visto no Quadro dez. Pode-se inferir que houve deslocamento semelhante entre os filiados petistas a partir da flexibilização do perfil militante característico dos primeiros anos do partido.

Quadro 10 Posição dos apoiadores do PT no espectro ideológico

	Esquerda	Centro	Direita	NS/NR
2002 (Criterium)	50%	6%	20%	23%
2006 (Fundação Perseu Abramo)	42%	12%	30%	16%
2010 (Datafolha)	32%	16%	35%	17%

Fonte: A. Singer (2010).

A análise, no universo pesquisado, de que os Filiados com Práxis e os Militantes são, em geral, críticos de importantes decisões defendidas pelo campo majoritário e adotadas pelo partido e pelos governos Lula, como a ampla política de alianças e a política econômica, vem ao encontro da análise de Ribeiro (2010), que afirma que o aumento considerável do número de filiados e o rebaixamento da cultura e prática militante e ativista fizeram com que a configuração da nova base do PT passasse a ser mais manobrável e menos politizada e organizada. De modo semelhante, A. Singer (2012) faz referência à intensa popularização do eleitorado petista, que veio ao encontro dos interesses da cúpula dirigente do partido, propiciando que a moderação supostamente tática da Carta ao Povo Brasileiro (L. I. L. Silva, 2002) ganhasse perspectiva estratégica (A. Singer, 2012).

Da mesma forma, a verificação de que os Militantes são mais questionadores das decisões da direção partidária permite atribuir importância à ideia de que as

mudanças levadas a cabo pelo Campo Majoritário no funcionamento interno do partido, desmobilizando os núcleos e ajudando na consolidação do novo perfil partidário e abandonando o “poder das bases”, vem ao encontro do interesse das lideranças e da “Lei de Ferro da Oligarquia” (Michels, 1982). Nesse sentido, concorda-se com a afirmação de Baiocchi e Checa (2007) de que a principal mudança do PT no poder não foi a caminhada rumo ao centro do espectro político ou a adoção de uma política econômica conservadora, mas o abandono da construção de novas práticas democráticas. As alterações na vida interna do PT, que ocasionaram expressiva diminuição dos espaços de debate e militância política, e a transformação de um partido de militantes em um partido de filiados, contribuíram para o deslocamento do partido da esquerda para o centro no espectro político brasileiro.

6 Considerações finais

Conforme o Partido dos Trabalhadores cresceu e passou a ocupar espaços de poder, houve mudanças em seu discurso e em sua atuação que levaram o partido a um deslocamento em direção ao centro no espectro político brasileiro.

Este estudo concorda com análises anteriores, nas quais evidencia-se que essas mudanças ocorreram por estratégia de adaptação à competição eleitoral (Guimarães, 2007), pelo afrouxamento ideológico fruto da experimentação do poder (Samuels, 2008), pela substituição de incentivos coletivos por incentivos seletivos (Silva, 2009) e pela profissionalização da direção partidária (P. Singer, 2012). No entanto, considera-se que as modificações na vida interna do partido também contribuíram para cimentar essa transformação, ressaltando, entre estas, a alteração estatutária de 2001 que ocasionou expressiva diminuição dos espaços internos de debate e militância.

Foi testada a hipótese de que o deslocamento do PT da esquerda em direção ao centro no espectro político brasileiro foi favorecido por alterações em sua dinâmica interna que contribuíram para que deixasse de ser um partido de militantes. O cruzamento dos dados obtidos com os questionários aplicados e a análise e interpretação das entrevistas indicam que os Filiados com Práxis e os Militantes (pessoas com maior participação na dinâmica partidária) têm, em geral, maior afinidade com posições mais à esquerda, enquanto os Filiados Puros (pessoas com menor ou nenhuma participação na vida partidária) aproximam-se

menos das referidas posições. Desse modo, nossa hipótese encontrou indicativo de sustentação na realidade, levando-se em conta o universo pesquisado no estudo de caso.

Referências

- Almeida, R. de. (2019). Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Novos Estudos CEBRAP*, 38(1), 185-213. <https://doi.org/10.25091/s01013300201900010010>.
- Amaral, O. M. E. do. (2010). *As transformações na organização interna do Partido dos Trabalhadores entre 1995 e 2009* (Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil).
- Baiocchi, G. & Checa, S. (2007). The Brazilian Workers' Party: From Local Practices to National Power. *The Journal of Labor and Society*, 10(4), pp. 411-430.
- Borges, A. (2015). *Nacionalização partidária e estratégias eleitorais no presidencialismo de coalizão*. Dados [online]. Vol. 58, n.3, pp. 651-688.
- César, B. T. (2002). *PT: a contemporaneidade possível – base social e projeto político (1980-1991)*. Porto Alegre: Editora da Universidade.
- Coelho, A. (2005). *Uma esquerda para o capital: crise do marxismo e mudanças nos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998)* (Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil).
- De Souza Santos, B. (1998). Participatory Budgeting in Porto Alegre: toward a redistributive democracy. *Politics & Society*, 26(4).
- Dias, M. (2007). Hegemonia e polarização: a reconfiguração de forças políticas no município de Porto Alegre (1988 a 2000). *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, 2(1), 157-179.
- Fausto, R. (2017). *Caminhos da esquerda: elementos para uma reconstrução*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Fernandes, F. (2006). PT: os dilemas da organização. Em A. Bogo (Org.), *Teoria da Organização Política II* (pp.). São Paulo: Expressão Popular.
- Guimarães, J. R. (2007). *A esperança crítica: treze ensaios sobre a crise e utopias da estrela imperfeita*. Belo Horizonte: Scriptum Livros.
- Gushiken, L. (1995). O PT, seus impasses e perspectivas. Em *O Futuro do PT: Seminário Nacional da Articulação Unidade na Luta*. [S.l.]: mimeo (p. 42).
- Keck, M. E. (2010). *PT - A lógica da diferença: o partido dos trabalhadores na construção da democracia brasileira*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Lacerda, A. D. F. de. (2002). O PT e a unidade partidária como problema. *Revista de Ciências Sociais*, 45(1), pp. 39-76. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/dados/v45n1/a02v45n1.pdf>.
- Madeira, R.; Tarouco, G. (2012). Como partidos significam e legitimam suas origens? Saliency Theory e análise dos textos partidários. In: Oitavo Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política. Gramado-RS.

- Madeira, R. Tarouco, G. Vieira, S. (2017). *Agendas, preferências, competição: PT e PSDB em disputas presidenciais*. Revista Caderno CRH. Vol. 30, n.8, pp.257-273. <https://doi.org/10.1590/s0103-49792017000200004>
- Michels, R. (1982). *Sociologia dos partidos políticos*. Brasília: UNB.
- Panebianco, A. (2005). *Modelos de Partidos*. Organização e poder nos partidos políticos. São Paulo: Martins Fontes.
- Partido dos Trabalhadores. (2009). *Nota oficial da Executiva do PT/RS*.
- Pont, R. (2002). *A estrela necessária*. Porto Alegre: Veraz.
- Ribeiro, P. F. (2010). *Dos sindicatos ao governo: a organização nacional do PT de 1980 a 2005*. São Carlos: EdUFSCar.
- Samuels, D. (2008). A evolução do petismo. *Revista Opinião Pública*, 14(2), pp. 302-318.
- Secco, L. (2011). *História do PT*. Cotia: Ateliê Editorial.
- Silva, A. O. (2009). Nem reforma nem revolução: a estrela é branca. Em V. A. de Angelo & M. A. Villa (Orgs.), *O Partido dos Trabalhadores e a política brasileira (1980-2006): uma história revisitada* (pp. 13-34). São Carlos: EdFSCar.
- Silva, L. I. L. (1981). *Discurso na 1ª Convenção Nacional do Partido dos Trabalhadores*. Fundação Perseu Abramo, São Paulo. Recuperado de <http://www.fpabramo.org.br/uploads/discursodelula1convecao.pdf%20Acesso%20em%2010/01/2012>.
- Silva, L. I. L. (2002). *Carta ao povo brasileiro*. Fundação Perseu Abramo, São Paulo. Recuperado de <https://fpabramo.org.br/2006/05/10/carta-ao-povo-brasileiro-por-luiz-inacio-lula-da-silva/>.
- Singer, A. (2010). A segunda alma do partido dos trabalhadores. *Novos Estudos*, 88, pp. 89-111.
- Singer, A. (2012). *Os sentidos do Lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Singer, P. (2012, 23 de março). *Roda Viva*. São Paulo: TV Cultura. Programa de TV. 1h13min. Retirado de: <https://www.youtube.com/watch?v=x4UGroAnq8I>.
- Todt, M. (2018). Partido dos Trabalhadores: do poder das bases ao verticalismo. *Lutas Sociais*, 22(40), 175-184. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/l/article/view/46666/31127>.

Apêndice A Opinião dos Filiados Puros sobre socialismo

Número da entrevista	Extrato ilustrativo das entrevistas	Avaliação
3	<p>"Socialismo não é mais o de superação do mercado".</p> <p>"O socialismo era sectário, hoje é flexível, acabou a guerra fria; a gente tinha esse sonho revolucionário, mas hoje é o reformismo, o velho reformismo de Kautsky".</p> <p>"O importante é que o socialismo tenha humanismo".</p>	Social-democrata
9	<p>"Pois é, eu não sei... Socialismo... Eu acho assim que é meio que socializar tudo, né? Tipo assim aquele socialismo, tipo puxando pro comunismo, eu não sou muito".</p> <p>"Nem tudo dá pra socializar. Tem que socializar a saúde, a educação, essas coisas tem que ser socializadas, mas nem tudo dá pra socializar, por exemplo a propriedade privada, né? Alguns acham que não, que tem que dividir tudo, né? Tudo tem que haver meio termo, não pode haver exageros".</p>	Social-democrata
17	<p>Alguns conceitos socialistas eu concordo, tá, outros não... Faz tempo que não paro pra pensar muito nessa parte. Eu acho que já mudei um pouquinho meu pensamento, acho que já tô virando um pouquinho... Acho que o capitalismo é necessário em alguns momentos, então é complicado fazer uma defesa do socialismo assim".</p> <p>"Com o passar do tempo eu já tenho uma visão um pouco diferente disso até pelo dia a dia de vê como as pessoas se comportam dentro da sociedade, e eu acho que às vezes não é justo, em alguns aspectos. Apesar de que eu concorde com as políticas que o Lula fez, a do Bolsa Família, eu concordo com as bolsas [...] isso eu defendo, mas não um socialismo como o de Cuba, sabe? Não como lá".</p> <p>"Depois que eu comecei a pensar mais sobre o assunto eu comecei a ver que o capitalismo não é de todo ruim. Até as próprias bolsas minimizam esse capitalismo selvagem, mas eu não me considero socialista, não mais".</p>	Social-democrata
18	<p>"Na minha cabeça socialismo é não ter a sociedade privada, as pessoas não serem donos, fornecer moradia, fornecer escola, não ter uma estrutura lá dizendo que essa casa é tua, que aquele carro é teu, poder dispor dos meios de produção, ser de todo mundo, é coletivo, é nosso".</p> <p>"Eu vejo socialismo assim, dividir, socializar. Mais [como] o modelo que se tinha, pretendia [-se] ter na União Soviética. Sem tu ser o dono, sem 'ah, o cara tem mais grana, tem um atendimento de saúde melhor'; poder igualar. Socializar a produção, socializar a riqueza e, nesse sentido, a gente poderia eliminar a sociedade privada".</p>	Socialista

Número da entrevista	Extrato ilustrativo das entrevistas	Avaliação
19	<p>"Eu acho terrível, não é uma boa ideia [socialismo]. Como modo de vida é terrível pra todos, eu acho. Porque tu tem que dar a base, não é dar tudo, encher a geladeira da pessoa e mandar ela trabalhar sem ter direito de te destacar. Existem pessoas, entre aspas, melhores que outras. Essas pessoas têm que se destacar. Isso [socialismo] limita as pessoas".</p> <p>"Todos devem ter oportunidade, mais ou menos como eram os Estados Unidos antes. O sistema capitalista não é mau. O que tem de mais? O sistema financeiro que inventaram é que é nocivo, mas o sistema capitalista de tu produzir, comprar, se destacar pra ter mais, isso é a coisa mais justa. Como o vestibular. Qualquer coisa que fuja disso é injusto, então o socialismo é injusto. O que não pode faltar é a base, alimentação, saúde, educação. Sou totalmente contra o sistema socialista".</p>	Não é socialista

Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa.

Apêndice B Opinião dos Filiados Puros sobre a política econômica dos governos Lula

Número da entrevista	Extrato ilustrativo das entrevistas
2	"No contexto geral pra mim foi bom".
3	"Pessoas que eram pobres estão conseguindo mais, conseguindo viajar, viajar de avião, comprar carro".
9	<p>"Eu acho importante, inclusive a história da dívida externa, tudo era em torno daquela dívida, que foi sanada".</p> <p>"Eu acho assim, fantástica, o crescimento do país, haja vista a posição da gente no ranking mundial".</p>
10	<p>"Pelos resultados que se veem de integração de uma quantidade tão grande de pessoas que saíram da zona de pobreza, numa faixa acinzentada pra uma faixa de mais luz um pouco, uma classe média, classe C, é um resultado importante, e é consequência de um procedimento, de uma política econômica".</p> <p>"Ainda leva-se em conta a valorização da moeda e a possibilidade de ter "pago" dívidas tão grandes, especialmente no cenário internacional, o FMI por exemplo, e pela imagem que o país ganhou não só política mas também economicamente no mundo".</p> <p>"Uma construção muito significativa a meu ver da política econômica que resultou numa política inclusive social também importante".</p>
17	"Eu acho que a forma como ele conduziu foi a forma correta, não via outra alternativa pra fazer diferente. Não lembro assim nada pra destacar".

Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa.

Apêndice C Opinião dos Filiados Puros sobre a política de alianças

Número da entrevista	Extrato ilustrativo das entrevistas
3	"A esquerda mudou no mundo, ou faz aliança ou fica isolada. A política é a regra do possível". "Ou o Lula faz o que fez, ou governa com aliança, com figuras como Sarney, Renan Calheiros, ou não governa. Fazer aliança sim, para ter avanços sociais".
9	"No começo a gente ficou meio assim, né? Se aliar com o PMDB, com... Né? Mas se não fizer aliança não tem como governar, né? Ninguém pode governar sozinho. Claro, algumas foram meio estranhas, mas depois... A gente no final entendeu que se tentou um entendimento, sozinho não tem como governar, uma andorinha sozinha não faz verão".
10	"É um mal necessário sem o que não teria constituído avanços como conseguiu".
17	"Eu acho que o Lula não teria vencido as eleições sem as alianças". "Acho importante em alguns aspectos, mas depende também a quais partidos tu tá te aliando. Não adianta tu vender a alma pra eleger alguém e depois não conseguir governar dentro dos teus princípios políticos. Com algumas alianças eu não concordo".
18	"Eu vejo como um mal necessário. Lula não teria governado, não teria ganhado a eleição, tanto que tentou por muito tempo e não conseguiu ganhar a eleição". "Não sou romântica a ponto de achar que vai fazer milagres. É um mal necessário. O governo Lula foi muito positivo".

Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa.

Apêndice D Opinião dos Filiados com Práxis sobre socialismo

Número da entrevista	Extrato ilustrativo das entrevistas	Avaliação
5	"Sou anticapitalista". "Pra salvar a humanidade tem que acabar com o capitalismo, não tem como fazer meras reforminhas".	Socialista
7	"Socialismo pra mim eu vejo como os clássicos diziam, Trotsky... Uma transição pro comunismo".	Socialista

Número da entrevista	Extrato ilustrativo das entrevistas	Avaliação
13	<p>"Eu não tenho aprofundamento teórico, mas me considero socialista, querer direitos iguais pra todo mundo, educação pra todos, diminuir os ganhos do sistema financeiro, dos empresários".</p> <p>"Eu acho que sem a superação do sistema capitalista não tem como ter justiça social. Enquanto perdurar isso, é faz de conta. Não tem como, sem romper com isso, tu ter justiça social, tu podes ter paliativo. Aí tu escondes os pobres, né, põe pra bem longe, e daí tu vives numa sociedade maravilhosa, uma bela duma social-democracia".</p>	Socialista
16	<p>"Me considero socialista, ser socialista é estar sempre em busca da sociedade igualitária, buscar a justiça social, e não abdicar nunca da militância".</p> <p>"Acho que deve haver a apropriação coletiva dos indivíduos sobre os meios de produção. Isso é um processo, não vai haver uma transformação radical imediata sem uma consciência de classe, um processo de conscientização. A partir da conscientização, e da apropriação desses modos de produção pela imensa massa trabalhadora, pode chegar a uma nova sociedade lá na frente".</p>	Socialista
20	<p>"Pra mim ser socialista é [defender] uma sociedade justa. Uma distribuição de renda de verdade. Tu olhar pra quem tá do teu lado, se comover com a carência de muitas pessoas, e ter gana de fazer alguma coisa pra mudar essa realidade. Isso passa por um outro sistema, pelo fim do capitalismo".</p>	Socialista

Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa.

Apêndice E Opinião dos Filiados com Práxis sobre a política econômica dos governos Lula

Número da entrevista	Extrato ilustrativo das entrevistas
1	<p>"Ela pode ser progressista de um lado, conservadora do outro. Continuaram os grandes ganhos dos bancos, a dívida pública está se pagando uma enormidade".</p> <p>"Até entendo que não se pode romper de uma hora pra outra, mas faltou ousadia".</p>
5	<p>"Fica difícil decidir entre um apoio com restrições ou um não apoio com ressalvas".</p> <p>"Houve uma destinação maior em projetos sociais, o bolsa família é muito importante, tem gerado mais emprego, tem investido mais em infraestrutura".</p> <p>"Mas no essencial eu discordo. Não conseguiu superar a lógica do rentismo do sistema financeiro, a concentração de renda. Pode ter políticas sociais, mas os ricos estão cada vez mais ricos. Não há uma política tributária que busque mudar isso. Continuamos refém do agronegócio, do sistema financeiro".</p>
7	<p>"Eu acho que aí reside o grande sucesso, aí que eu admiro muito ele".</p>

Número da entrevista	Extrato ilustrativo das entrevistas
12	“A política econômica (dos governos Lula) é um projeto capitalista, keynesiano, que na medida em que o Estado coloca dinheiro na base da pirâmide constitui um mercado que não existe, e acho que nesse ponto de vista é acertado. Mas não pra nenhuma transformação social. Tem um grande acordo com o mercado financeiro que sustenta com altos juros a especulação financeira, o que é um grave problema”.
16	“Eu considero que foi extremamente ortodoxa. Ele aplica em relação ao resto do mundo uma política de inclusão, beleza, ótimo, só que uma política de inclusão que sustenta o capitalismo como tá, não faz nenhuma transformação estrutural. “Ficou e ainda tá no nível do assistencialismo, no nível das bolsas, das cotas, ao invés de propiciar que seja ao natural, ainda há anos luz de uma sociedade que a gente considera adequada”. “Nada mudou na estrutura econômica do país, os grandes continuam lucrando muito, e os pequenos continuam lutando muito pra sobreviver e pra ter uma renda muito baixa”.

Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa

Apêndice F Opinião dos Filiados com Práxis sobre a política de alianças

Número da entrevista	Extrato ilustrativo das entrevistas
5	“Lula optou pelo caminho de negociar no congresso, com os cacifes políticos”. “O Lula, com toda a popularidade que conquistou, acabou não chamando o povo. Com essa política de alianças tu não vais conseguir mudanças essenciais nesse país. Essa política de alianças é um sintoma de uma visão pragmática de política”
7	“Do ponto de vista ideológico eu acho lamentável [...] se perdeu muito aquela pureza ideológica que me trouxe pra dentro do partido, que trouxe muita gente pra dentro do partido. Muita gente que acreditava na utopia”. “Não tem como tu te aliar ao PL sem abrir mão de algumas convicções. Eu acho que foi uma jogada de mestre dele, particularmente do Lula [...] se ele não tivesse assumido o poder ele não teria conseguido iniciar as reformas que nós temos que reconhecer trouxeram benefícios pro país que seriam impossíveis dentro de outro governo, do PSDB ou de outro partido de direita”.
12	“Sobre a política de alianças, eu acho que é uma opção que não é de agora, houve o abandono da ruptura. Esse campo de alianças amplo é inegável que do ponto de vista assim da capacidade de se governar, da governabilidade, ele funciona, né, só que o que se dá em troca? O partido resolveu fazer um governo de gerenciamento da burguesia, gerenciamento do sistema. E com pouca perspectiva transformadora”. “Do meu ponto de vista tem dois caminhos. Se se optar por um caminho de ruptura tem que se aliar com os movimentos sociais. E se sustentar na população, no apoio popular organizado e disposto ao enfrentamento. E o segundo caminho seria esse que foi a opção feita. Eu prefiro o outro caminho”.

Número da entrevista	Extrato ilustrativo das entrevistas
16	<p>"Eu lembro de um símbolo muito grande que foi a vitória do Olívio, (e a minha filiação foi em meio ao governo, um governo que orgulhava todo mundo pela postura, e tal, e que eu tenho como referência de esquerda, como paradigma de como um governo pode transformar a sociedade, um governo com uma posição política muito bem centrada, com um enraizamento social pode fazer a transformação) e o pragmatismo da derrota eleitoral, da forma como foram as prévias, aquilo tudo que aconteceu, em Gravataí... A negação do Olívio como candidato à reeleição, a derrota, e a partir da derrota a justificativa de que por ter sido derrotado nas urnas era um modelo derrotado, e na verdade era o contrário, o modelo era extremamente bem quisto, extremamente valorizado, só que a disputa interna levou à derrota eleitoral, aquilo lá foi muito duro".</p> <p>"E essa posição do PT de ir ao centro... Isso que aconteceu aqui no RS validou muito das teses desse centrão que foi construído e que não transforma mais nada, apenas administra o que tá aí, inclui algumas pessoas, mas só do ponto de vista econômico, não inclui do ponto de vista social e cidadão".</p>
20	<p>"Se essa discussão ainda se fizesse dentro do partido, eu faria parte dos que não concordam com essa política de alianças. Pelo menos não essa que é desenfreada. Se fazia, mas se fazia com partidos com quem a gente tinha alguma identificação ideológica, né? Agora, não com partidos de direita. Eu não concordo, não acho saudável pra política, esse bando de partidos, essa coisa desenfreada, em algum estado a gente se bate, daqui a pouco em outro estado se alia".</p>

Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa

Apêndice G Opinião dos Militantes sobre socialismo

Número da entrevista	Extrato ilustrativo das entrevistas	Avaliação
4	"Sou socialista no sentido de Marx. Não acredito na possibilidade de humanizar o capitalismo".	Socialista
8	"Passa pela transformação da sociedade, onde acaba com a possibilidade de ter explorado e explorador, patrão e empregado, acaba com os preconceitos pelas diferenças. Passa por isso, não ter mais divisão em todos os sentidos, rompimento com qualquer mecanismo do estado burguês, e a divisão de tudo para todos".	Socialista
11	"Eu sou um socialista, eu sou um cara de princípios comunistas". "Nós somos iguais, nascemos iguais, não temos que ter diferenças de classe". "Eu sou um comunista".	Socialista

Número da entrevista	Extrato ilustrativo das entrevistas	Avaliação
14	<p>"Me considero socialista, e pra mim ser socialista é não só uma opinião política, mas de condução de vida mesmo, é uma questão que envolve valores, posicionamento político, uma posição perante a sociedade, perante a vida, perante as pessoas. E compreendo que o socialismo é uma etapa pra se chegar a um estado mais evoluído de sociedade, onde não exista mais divisão de classes, onde não haja a ditadura do capital, onde quem tem mais dinheiro exerça um poder e uma dominação sobre quem tem menos dinheiro, onde a exploração capitalista não seja mais aceita, e o socialismo é um estágio pra essa sociedade".</p> <p>"Ser socialista é questionar constantemente a sociedade capitalista. Isso envolve o fim da propriedade privada dos meios de produção, que as pessoas tenham atendido seus direitos básicos à saúde, alimentação, educação, moradia, tudo isso são aspectos da luta por uma sociedade que seja radicalmente democrática".</p>	Socialista
15	<p>"O que eu entendo por socialismo é que tem que ter a participação popular, a democracia no planejamento da economia, se não tiver não é socialismo".</p> <p>"Tem que ter um modo hegemônico que socialize, coloque sobre controle público e estatal o que é estratégico. A produção de energia, a terra, e a saúde, no mínimo, e a educação, em termos – basta que seja laica".</p>	Socialista

Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa

Apêndice H Opinião dos Militantes sobre a política econômica dos governos Lula

Número da entrevista	Extrato ilustrativo das entrevistas
4	<p>"A única grande mudança foi com relação aos parceiros comerciais".</p> <p>"Houve processo de incorporação de amplos setores ao consumo no Brasil, grande parte através da seguridade social e da transferência pública de renda aos setores marginalizados. Só que isso não muda a estrutura produtiva brasileira. Não muda radicalmente nada, não mudam as relações econômicas de concentração de renda no país. Mantém taxa elevada de juros; boa parte da receita pública brasileira é desviada para o pagamento dos juros".</p>
6	<p>"No começo foi de fato a continuação da política do governo Fernando Henrique, e no segundo momento, no segundo mandato, uma política econômica com traços desenvolvimentistas, e viés mais keynesiano".</p> <p>"Com a crise internacional que se avizinhava, eles tomaram a única medida que poderia se tomar: estimular o consumo, distribuir crédito; medidas keynesianas... Isso não chocou a burguesia brasileira, a burguesia industrial gostou; teve apoio de parte da burguesia que apoiou o Lula e que precisava, que também foi salva por esse modelo keynesiano desenvolvimentista".</p>

Número da entrevista	Extrato ilustrativo das entrevistas
8	"As pessoas mais pobres vivem hoje em melhores condições de vida. Vivem por conta de políticas reparatórias e transitórias [...] essas políticas têm os seus méritos". "Agora, se ela não se tornar uma política estrutural, não vai resolver o problema do povo. Tem que ter uma política estrutural de mudança mesmo, e isso não está acontecendo. Não mexeu em nada da estrutura que o capital construiu. Daquilo que foi preparado pra dar conta de um estado burguês".
11	"O governo Lula implementou uma política econômica que nós combatíamos, que nós enquanto partido político de esquerda tínhamos restrições. O companheiro Lula manteve a mesma política, e nós temos essas críticas, enquanto socialistas".
14	"O primeiro governo Lula teve um política de continuidade do que era o governo FHC, na área econômica. A linha do Palocci, do Meireles, era uma política de manutenção da ortodoxia econômica, de juros altos, de preservar interesses dos bancos, capital especulativo, baixo crescimento econômico. Aquela Carta ao Povo Brasileiro, lançada durante as eleições de 2002, ela se cumpriu além das expectativas. Houve uma mudança na política econômica no segundo governo Lula, especialmente com a entrada do Mantega, a própria Dilma na Casa Civil. Acho que a gente conseguiu avançar de um programa que ainda era de continuidade do neoliberalismo pra um programa um pouco mais nacional desenvolvimentista. Acho que isso representou um avanço pro país, a gente conseguiu crescer economicamente, a vida dos trabalhadores melhorou, mas ainda é insuficiente, a gente precisava de uma política econômica mais ousada".

Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa

Apêndice I Opinião dos Militantes sobre a política de alianças

Número da entrevista	Extrato ilustrativo das entrevistas
4	"A composição feita pelo Lula não permite fazer mudanças estruturais". "A esquerda petista tinha razão".
8	"Não existe a possibilidade de se ter um programa de governo na lógica da esquerda aliado a setores como o PTB, como o PP". "O PT tomou uma decisão de estar no poder a qualquer preço. Não vai conseguir implementar nenhuma política mais de esquerda, que avance no sentido da caminhada ao socialismo. Quem faz uma aliança dessas abre mão do seu programa histórico. Por óbvio".

Número da entrevista	Extrato ilustrativo das entrevistas
14	<p>“Sempre me coloquei muito crítico a essa flexibilização que o PT teve em relação à política de alianças, especialmente a se aliar a partidos que historicamente combateram nosso projeto, como o PMDB, o PP. Partidos que não são identificados com nossa luta, nossa causa, com rebaixamentos programático do partido. Lá em 2002, quando o Lula se elegeu, ele contava com apoio popular, boa parte dos movimentos sociais depositaram nele suas esperanças, e acho que ali era o momento pra talvez ter tido uma demarcação um pouco maior. Mas esse debate foi vencido, e acabou sendo adotada uma linha diferente, que priorizava essa relação com partidos mais à direita, não comprometidos com o projeto do PT. O PT acabou afundando na maior crise de sua história por conta dessas relações”.</p> <p>“Infelizmente essa política tem se consolidado cada vez mais no PT, política das alianças a qualquer custo, vale fazer aliança com qualquer partido pra governar”.</p> <p>“Eu acho que é importante que o PT tenha uma mínima orientação sobre quais são os setores prioritários, quais são os setores que é possível se aliar e quais não é possível.”</p>
15	<p>“Tem coisas que não precisava chegar a tanto. Claro, a prefeitura não é um país, mas na prefeitura sempre governamos com minoria. Aí se inventou que só se governa com maioria. Mas então por que não vamos pro parlamentarismo direto?”.</p> <p>“A tática de alianças que nós tamos fazendo é a que quanto mais tu abre os braços e mais abre as pernas, mais chance tu tens de ficar parado ou cair”.</p>
21	<p>“Eu não concordo com essas alianças. Com o carisma que o Lula tinha, e tem até hoje, não precisava diluir tanto aquilo que nós sempre lutamos, nosso programa partidário. Com o carisma que ele tinha, tinha que fazer aliança com o povo. Deu no que deu isso aí. Esses partidos já vêm com vícios, com maneira de trabalhar completamente diferente da nossa. Quando entram esses partidos tradicionais, esses políticos tradicionais, joga tudo aquilo que a gente tinha no lixo. A ambição de chegar ao poder foi muito grande que começou a romper com tudo aquilo que nós sempre pregávamos. Isso nos jogou nessa valeta comum. Se tu pegar aquelas pessoas que tinham o amor, que acreditavam no PT, que tinham essa ideia de PT, hoje não acreditam mais, porque o partido ficou comum, ficou como qualquer outro”.</p>

Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa